



PROPRIEDADE DO CLUBE X

REDACTORES PRINCIPAES

Conde da Floresta Negra, Dr. Grotius, Visconde de Cock Tail
e Vice-Consul dos Paizes Baixos.

Publica-se duas vezes por mez. — As assignaturas são gratis.

ANNO I.

RIO DE JANEIRO 4 DE JULHO DE 1868.

N 20.

Rio, 4 de Julho de 1868.

MARIA.

Maria! — Este nome é para mim um talisman sublime, que concentra e absorve em si todas as minhas faculdades de sentir; este nome ressoa-me n'alma tão dôce e tão brando, como o gemer brando e dôce da rôla, que no calor da sesta chama a si o companheiro ausente!

Não sei, que nome possa haver no mundo tão bello e tão lindo, que possa rivalisar com este

Maria — é tão simples, tão suave, tão cadente e harmonioso, tão cheio de graças e encantos, que ninguem poderá deixar de amal-o. —

E eu amo este nome com todo o amor, que tem cabimento em coração d'homem; amo-o apaixonadamente.

Maria — lembra-me alguns dias felizes de minha vida, esses bellos dias decorados de illusões douradas, que eu vi fugir tão rapidos como o meteoro, que fende os ares e logo desaparece mal desponta no horizonte; tão ephemera tem sido para mim a ventura.

Eram dias esses, que despontavam claros e sem nuvens, dias em que a aurora surgia bella e radiante, dardejando inumeros raios de luz; eram dias de primavera, e eu estava também na primavera da vida, nessa idade tão ambicionada, em que tudo parece prazer e vida, nessa idade em que o mundo só nos offerece delicias, porque não ha soffrimentos, não ha penas nem pesares, que não revistamos de belleza. —

Tudo então é bello, tudo encanta. O passado, o presente e o mesmo futuro, tudo é bello e

sublime; a propria morte é bella nessa idade, porque de modo algum se concebe a realidade terrivel da sepultura.

Maria — tu és o meu condão; fazes-me passar as noites e os dias com o coração a trasbordar de alegrias e esperanças.

Maria! — Quanto amo este nome.

Amo-o tanto quanto á mulher que o tem.

Mulher! lhe chamei eu?!. Perdôa, Maria; és um anjo sob a forma de mulher, a tua essencia não é deste mundo.

E's uma estrella divina que me appareceste no mundo para me guiar os passos, e a que está preso o meu destino.

Anjo tutelar da minha vida, abriga-me com tuas azas candidas e puras, que eu impavido arrostarei a sorte; pousa sobre mim os teus olhares, e eu sereno e tranquillo encararei o futuro.

DR. GROTIUS.

O FOGO DE ARTIFICIO.

Houve tempo em que para mim o facto de assistir a um fogo de artificio era a realisaçao da felicidade suprema.

E'ra criança então, e como todas as crianças ainda hoje, daria de bom grado dez annos de vida por uma flecha ou dez vidas em um anno (se as tivesse) por uma rodinha.

Era hyperbolico como um hespanhol e entusiasta por excellencia do foguete de lagrimas.

A pessoa do fogueteiro tornava-se para mim um ente metaphysico, um Mephistopheles, um Rei do fogo, um Genio emfim.

Todos aquelles vultos formando umas vezes

um circulo, outras vezes duas linhas; aqui uma grande roda, acolá um grande manequim de rabeça em punho, ali uma *dona* com o seu *benoiton* de papel,—e depois de tudo isso a fortaleza, a eterna fragata e finalmente o *epitaphio* da ignea festa; tudo isso naquelle bom velho tempo era maravilhoso, patetico, sublime mesmo se quizerem, mas hoje é *rocóco* e digamos a palavra, indecente.

Na imaginação descuidada da infancia não entra o espirito de exame. Ella assiste á estas festas firmando a vista nas variadas côres do fogo sem de leve comprehender a malicia que ultimamente quasi sempre os taes fogueteiros empregão nas obras primas de sua lavra.

Se me permittem, irei buscar um pequeno exemplo não longe daqui; no largo do Machado.

O leitor necessariamente lá vio no Domingo passado em linha de batalha os artefactos do heróe applaudido da festa, capitaneado por dous automatos, e apoiados por um forte e um vaso de guerra.

Arde tudo e como li em um poema inedito:

*Alli, circula em vertice vistoso
A roda leve espadanando incendios,
Chovendo oiro luzente, e estrellas alvas;
Aqui florêa o fulgido valverde,
Volcão sonoro, arremette ás nuvens;
Vôa, remonta impaciente aos ares
O ignivomo foguete estrepitoso.*

Chega a vez dos dous,—o primeiro toca o seu instrumento enquanto o segundo faz *piruetas*. Risadas de admiração e espanto accolhem essa oitava maravilha.

A pouca distancia acha-se o templo e para maior prova do talento artistico do progenitor, os dous automatos manifestão dôres de ventre e disso dão provas ao respeitavel e illustre auditorio.

Neste periodo a arte emitou a naturezâ, a ponto de lançar a mais hedeonda blasphemia ás portas do templo christão; graças ao talento do fogueteiro e á cegueira de uma irmandade inteira.

Não pensem que desejo a abolição completa de uma industria, quando fallo deste modo.

Deus de tal me deffenda. A maldição das crianças e uma chuva de *café com leite* porão os meus dias em risco; queria sómente ver reformado e exposto com mais decencia nas festas religiosas o tal celebre fogo de artificio.

FREI BARTHOLOMEO DOS MARTYRES.

GALERIA DOS HOMENS ILLUSTRES.

Cincinatus.

E' severamente ingrata a apreciação que fazem os contemporaneos das celebridades que lhes proporcionam gratos passatempos, e que lhes merecem por essa razão a mais respeitosa veneração e o mais decidido culto.

A não ser esta galeria tão brilhantemente encetada pelo illustre almirante Duque de Pick Nick, a quem nos coube a honra de succeder, onde estaria a popularidade de Diogenes, onde haveria um estímulo ás inspirações de Pindaro, onde um voto de gratidão e admiração aos serviços e boas obras de Frei Bartholomeu dos Martyres?

Nada d'isto existiria. Seriam taes notabilidades condenadas ao esquecimento, e talvez desconhecidas estas preciosidades, de todos aquelles a cujas mãos não chegue este jornal.

Cumprimos hoje pois, um dever, traçando a zoographia de Cincinato Pica-pão.

E' realmente difficultosa a tarefa de que nos incumbimos. Em vão inquirimos de nossos amigos mais bem informados, qual o lugar que teve a honra de ser berço de Cincinato!

Depois de indagações infructiferas por toda a parte, um dia, e dia esse da maior felicidade para nós, passeavamos por uma das praças desta cidade, de um grupo de individuos que se divertiam em jogar a pedrada a outro grupo formado a pequena distancia ouvimos bradar com entusiasmo a revolucionaria phrase « *abaixo o pica-pão.* »

Chamou-nos a attenção a energia da phrase e a suavidade do nome que nos chegou aos ouvidos e que não não nos era estranho, e approximamo-nos do grupo.

Veio-nos a certeza de que se ocupavam do mesmo homem de quem hoje nos ocupamos, e procuramos portanto colher algumas informações d'aquelle pleiade.

Chegou-nos ao conhecimento o seguinte:

Cincinato Pica-pão nasceu na ilha de Lilliput, n'aquelle ilha onde Gulliver se vio atrapalhado diante dos ataques do povo *mosquito* que a habitava.

Cincinnato desenvolveu-se physicamente com proporções enormissimas, sendo considerado um gigante pelos seus conterraneos, aos quaes seu tamanho aterrorisava.

Levantaram uma conspiração contra elle e conseguiram expulsalo da sua ilha natal. Com grande pezar partio o ilhéu de Lilliput para o Rio de Janeiro, aonde desembarcou pouco tempo depois.

Assombrado, para não dizer aparvalhado, ficou o nosso homem, pelo facto de que sendo considerado um gigante em relação aos seus compatriotas, via-se pequenino e anão diante da população entre a qual ia elle viver. E na verdade Cincinnato entre os seus era de uma estatura desproporcionada, e era entre nós apenas um individuo de um metro e vinte centimetros de altura.

Não desanimou elle e principiou a percorrer a nossa cidade. Os moleques que não deixam passar camarão por malha, deram-lhe na pista, acharanlhe graça e mimosearam-n'o logo com a emplumada qualificação que os leitores já conhecem, chamaram-n'o—pica-pão.

GALERIA DOS HOMENS ILLUSTRES



CINCINNATUS

IV.

Suplemento ao n. 20 do X.

E ninguem se persuada que houve falta de senso commun na applicação d'aquelle appellido, não houve, examine-se o quadro que representa Cincinnato, e confirmar-se-ha a propo-sição que avançamos.

Poderíamos resumir em muito poucas palavras a zoographia inteira do nosso homem, dizendo simplesmente ao leitor, —Cincinnato é um ratão —e o leitor teria comprehendido. Comtudo, diremos ainda alguma cousa.

Cincinnato *pondô o pé em terra* sentio-se achado, permittam-nos a expressão, e comprehen-dendo talvez a sublimidade do *toto foro tota urbe vagantur*, deu-se de olhos fechados á vida ex-pansiva em que o encontramos, atacado por um grupo que o queria exahutorar da popularidade que havia conquistado.

Um individuo compadecido da sorte pouco li-songeira que aguardava o nosso heróe e talvez pela originalidade do typo, chamou Cincinnato para sua casa, onde o admittio como seu fa-mulo e onde ainda hoje o encontramos.

As peripecias que se succederão logo depois da chegada de Cincinnato constituem uma serie interminavel de factos dignos de nota, seremos porém echo apenas de algumas, para que o leitor possa apreciar o quilate d'ellas.

Por exemplo, a paixão violentissima que elle nutriu durante longos mezes, por uma das filhas do proprio chefe da familia, a cujo serviço elle estava. Não comia, não bebia, suspirava constantemente, e mais do que tudo isso não dor-mia, porque todas as noites era visto no quintal em muda contemplação á lua e quando esta não apparecia, em religiosissima adoração á janella do aposento em que secegadamenie dormia lan-guida e pura a causa dos seus soffrimentos!

De tal maneira o apertou aquella dôr de co-racão, que chegou-se um dia a seu amo e fez-lhe a declaração formal da paixão que nutria por sua filha, fazendo-o observar, que só isso era a causa do estado de definhamento em que estava. Seu amo rio-se entre dentes, mas apreciando devidamente o vigor da paixão acalentada por aquella grande alma abrigada n'um corpo tão pequenino, aconselhou Cincinnato a que comesse, bebesse, dormisse e esquecesse aquella ingrata que dentro em um mez receberia um outro por esposo, abandonando-o a elle Cincinnato que tanto padecia por ella.

Dito e feito; ou por indignação ou pelo que quer que seja Cincinnato principiou a comer, a beber e a dormir, e em poucos dias melho-rou de tal sorte, que com toda a urbanidade pôde exercer o lugar de porteiro no dia do ca-samento da sua Laura.

Foi elle proprio abrir a porta da carruagem da sua amada, quando esta voltava de receber outrem por marido.

D'ahi por diante encontramo-lo sempre en-ganchado n'uma cadeira, á porta de um advo-gado, com o sorriso nos labios, quando estes não estao ocupados em suster um *trabuco* enor-me, que nenhuma boca de christão poderia sup-portar.

A amabilidade é a qualidade que distingue Cincinnato. Cada vez que passa por junto d'elle alguma pessoa relacionada com seu amo, e que

elle tem uma ou outra vez introduzido á pre-sença d'elle, Cincinnato tira o gorro com a mão direita, com a esquerda pega no charuto e re-pete estas sacramentaes palavras: «*meu benzinho dá-me uma roupinha*» sendo indeferido o pedido sollicita *um charutinho* ou alguma *coizinha* que na occasião lhe occorra até ter deferimento fa-voravel o seu requerimento. E' assim que vai elle passando vida folgada e milagrosa.

VICE-CONSUL DOS PAIZES BAIXOS.

AOS MEUS COLLEGAS DE REDACÇÃO.

Benevolo, bem benevolo foi o acolhimento, que vós me fizestes nas columnas deste jornal, e com gratidão igual deveis contar da minha parte para comvosco.

Da benevolencia que commigo dispensasteis, re-sultaram esses escriptos mal alinhavados, que por vezes se publicaram neste jornal, aos quaes tiveram a condescendencia de dar alguma attenção; mas encargos maiores obrigam-me a abandonar-vos na carreira brilhante em que ides, nessa crusada su-blime das lutas da intelligencia, e hoje venho pois agradecer-vos do fundo d'alma a amabilidade, be-nevolencia e protecção dispensados a mim, o menor dentre vós, o menos digno de tal attenção.

No caminho por nós andado não encontramos só-mente rosas, mas tambem silvas e espinhos; mas coragem, prosegui sempre avante; a recompensa tel-a-heis nas vossas proprias consciencias.

Não esmorecei, embora alguns entes vis e pe-quininos procurem vos desgostar; tende sempre presente á memoria as palavras do nosso grande poeta—E, pois, coragem! Ardua embora a pro-vança—a tarefa é sublimada!

Junho.

DR. GROTIUS.

P. S.—Ainda um conselho.

Aos taes *mecos*, que vos querem incomodar, aos autores de mofinas e aos falsos amigos de casa, respondei como Henri Heine, se não me falha a memoria

imbecis

DR. GROTIUS.

O CLUB MOZART.

Assistimos ao ultimo serão muzical do Club Mozart.

Querer contestar os progressos que tem feito os distintos amadores que ali cultivão a arte de muzica, seria tirar de Cesar o que é de Cesar, seria negar á luz da evidencia um facto provado.

Assim como no sarão anterior, a mesma disposição, ou digamos melhor, o mesmo entusiasmo animava o auditorio depois da execução de qualquer das peças do programma.

A ouverture da *Norma* e da *Embassatrice*, foram, como alli sóem ser, magistralmente executadas. Os Srs. Motta e Amaral tiraram de suas flautas sons tão suaves e tão bem combinados; elevando-se ora rapidos e fluentes até as notas mais agudas; descendo logo apoz a perder-se em uma melodia de notas graves, porém doces ao ouvido como o murmúrio de crystallino riacho, ou suave como a voz angelica de Malvina de Ossian, invocando a memoria do seu amante perdido.

Parabens a tão distintos amadores.

Seria injustiça deixar de render a devida homenagem aos Srs. Lisboa e Numa do Rego Macedo, amadores igualmente de bom quilate.

Ouvimos o primeiro destes Srs. no penultimo sarão do Club Mozart e nossa opinião a seu respeito é sempre a mesma. O Sr. Numa fez-nos recordar os bellos tempos da *Campesina*, de que elle foi um dos mais importantes membros e onde sempre foi ouvido com religiosa atenção. No duo da rabeca com o Sr. Dangremont mais uma vez provou o seu talento.

O dueto da opera *Atila* e a aria da *Maria de Rudens*, forão bem cantados pelo Sr. Torquato e Enéas. Os Srs. Arthur Napoleão, Wagner, Ricardo T. de Carvalho e Almeida fizeram-se ouvir ao piano. Fazer um elogio a esses senhores é superfluo. São por demais conhecidos do publico que sabe apreciar a boa muzica.

Os Srs. Domingos Miguel, Pitanga e Adriano brilharam na parte que lhes coube no concerto, e que nos deixou a nós, as mais gratas e agradaveis impressões.

Continúe o Club Mozart a marchar dessasombiado pelo caminho que trilha. De cada um discípulo, em uma epocha dada, fará um mestre e terá assim prestado um serviço real á arte de muzica e outro igualmente real ao espirito de associação.

CONDE DA FLORESTA NEGRA.

CARICATURAS EM VERSO.

BIOGRAPHIA DE UM CHAPÉO.

Ponhamos á luz do dia,
á face do mundo inteiro,
de um chapéo a biographia,
o qual no Rio Janeiro
gozou de muita valia!

Escriptor de boa nota,
afamado jornalista,
o chapéo dava ás e sota!

Todos lhe andavam na pista,
todos buscavam-lhe a rota!

Pelo trajo se julgava,
fosse d'inglez engenheiro;
trasia saia mui alva
e cobria o tal bregeiro
a mais respeitosa calva!

Cobria uma calva é certo!
sob a qual certo talento
transpondo aquelle deserto,
exclamava ao povo attento:
« estamos n'um céo aberto! »

Dizer que não, ninguem ousa!
Temos Messias na terra!
Não se falla n'outra cousa!
Sobre as victorias da guerra,
sómente o chapéo repousa.

Ás trevas rasgara o véo!
E rasgara-o c'um foguete
que subira até o céo!
« Entrou do sul o paquete! »
Mais se exaltara o chapéo!

E assim, reliquia sagrada,
do chapéo um bocadinho
tudo quer!.. À tesourada
cortam-lhe a capa de linho
para a terem bem guardada.

Mas n'isto vai-se... morreu!
(Depressa mudam-se as scenas)
O heróe tornou-se réo,
desmembra-se a nova *Athenas*, (*)
tombou na lama o chapéo!

Não deu, não, queda tamanha
Napoleão Bonaparte!!
Quem um vulto assim apanha
vai expol-o em qualquer parte
sobre faustosa peanha!

Se nelle inda os olhos fito,
observo como era immensa
a fama desse proscripto,
desse Mirabeau da imprensa
que p'r o mundo fôra um mytho.

PICK-NICK

(*) Redacção do *Diario do Rio*.

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA — PERSEVERANÇA — RUA DO HOSPICIO 91